



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
GABINETE DO REITOR  
COMISSÃO DA VERDADE

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevista realizada em:** 19.4.2013

**Hora:** 14h30min.

**Local:** Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

**Entrevistado:** Josemá Azevedo

**Responsável pela transcrição:** Mayane Ranice Costa da Rocha (bolsista)

**Carlos Gomes:** Participar de uma Comissão da Verdade magoa a gente, é algo que tem que ter muita paciência, mas essa pergunta que eu fiz sobre Luiz Maranhão foi muito rica. Eu gostaria que na hora das transcrições fizesse um capítulo especial porque eu acho que nós devemos resgatar a memória desse homem, acho que foi o maior mártir contemporâneo pela conduta e pelo que ele era. Muito bem, eu quero agradecer a sua participação e quero agradecer a sua participação, Paulo, e quero dizer que será uma honra se você quiser continuar aqui com a nossa reunião, agora ouvindo o nosso estimado Josemá Azevedo, a quem eu passo a palavra para também se identificar no contexto e em seguida fazer as considerações iniciais.

**Josemá Azevedo:** Bom, inicialmente eu quero dar uma boa-tarde a todos e agradecer a oportunidade e a lisonjeia estar aqui nessa Comissão trazendo algumas reminiscências porque depois de tantos anos a gente começa a esquecer de umas séries de assuntos, eu ultimamente tenho começado a lembrar algumas coisas porque meus filhos têm insistido para eu escrever algumas coisas da minha vida para passar para, principalmente, os netos que estão chegando, ter conhecimento de algumas coisas que a gente fez na vida e a caminhada eu tenho por conta disso, eu comecei a tomar algumas providências. Um dos capítulos importantes foi a trajetória estudantil e principalmente pela luta política que eu participei e comecei a mexer com as coisas e inclusive a solicitar do arquivo nacional, que hoje está aberto, o que existia a meu respeito que eu

achava que não existia nada ou se existisse era pouca coisa e eu trouxe até aqui. Fiquei admirado quando eu recebi uma resma de papel com meu nome, a gente começa a ler e tem muita coisa repetida, mas tem uma coisa muito importante: eu acho que tudo isso, antes de começar realmente, é que esses escritos, esses assentos que são originários na ditadura mostram e transbordam a intolerância que existia nesse país, que eu considero a intolerância um dos piores defeitos da pessoa humana. Aqui foi dado um exemplo do Luiz Maranhão, uma das figuras mais tolerantes que eu conheci na minha vida. Ele era comunista, mas como foi dito aqui, tinha uma ligação muito grande com Dom Eugenio, um elemento de ligação com a Igreja Católica que ele tinha acesso. Luiz era uma figura profundamente tolerante, o oposto do que está escrito nas memórias, mas eu queria também fazer um agradecimento aqui, relembrar que a minha estada aqui na Universidade, eu lembro disso, um dos responsáveis por eu ter cursado esta Universidade aqui foi o colega Ivis. Naquela época, eu desde criança não sei por que, mas desde menino, com 6, 7 anos, dizia que queria ser Engenheiro, mas aqui não existia o curso de engenharia. Como eu tinha parentes que migraram para São Paulo, como só ia acontecer com os nordestinos daquela época, meu avô morava em São Paulo com meus dois tios e eu fui para São Paulo terminar o curso científico e tentar cursar engenharia porque não existia o curso aqui. Mas em 1959 eu soube que tinha sido criada a Escola de Engenharia e lembrei do colega Ivis Bezerra, tínhamos sido colegas no Atheneu. Escrevi para ele perguntando se tinha a Escola de Engenharia aqui e ele me escreveu, me respondeu dando a notícia que tinha a escola, que tinha sido criada e terminava a carta com a citação de José Américo, que dizia que eu voltasse para casa que ninguém se perde na volta, que eu voltasse...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Ô, Josemá, eu estou interrompendo aqui. Se estiver interrompendo demais, diga! Mas é só para dizer uma coisa aqui: eu sempre fui muito infenso à correspondência, nunca escrevi para namoradas. Eu acho que a única carta que eu escrevi na minha vida foi essa resposta, não me lembro de outra não, nem para namorada.

**Josemá Azevedo:** Foi o responsável e eu vim fazer o vestibular. Passei e fiz parte da segunda turma da Escola de Engenharia, eu sou da segunda turma dos engenheiros do Rio Grande do Norte. [inaudível]

**Carlos Gomes:** Muito bem, você já começou a falar.

**Josemá Azevedo:** Desculpe minha qualificação, eu sou engenheiro aqui na Universidade, pós-graduado pela Universidade de São Paulo, exerci e ainda exerço engenharia, ainda trabalho hoje. Eu dou mais conselhos, né? Quando me pedem e... Mas tive essa trajetória grande como profissional e fui seguindo a ordem cronológica. Eu fui estudante aqui do Atheneu. Primeiro eu estudei fora, eu sou do interior, de Cerro Corá, interior aqui do estado. A cidade foi emancipada em 1953 e o primeiro prefeito foi o pai do Dr. Ivis, foi o prefeito designado...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Nomeado...

**Josemá Azevedo:** Nomeado como...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Implantador do município.

**Josemá Azevedo:** É, implantador do município. Eu sou de Cerro Corá e de uma família humilde, meus pais só tinham o curso primário, mas tinha uma visão importante que era dos filhos se educarem, estudarem e quando eu terminei o curso primário em Cerro Corá fui para Campina Grande, onde eu tinha um tio, tio-avô. Fui para Campina e fiz lá o Ginásio. Em 1955 eu vim para Natal fazer o curso científico, vim para o Atheneu, então em 55 e 56 fiz eu fiz o científico em Natal, quando eu tive a oportunidade, nesses dois anos, juntamente com Dr. Ivis, de sermos colegas de classe na época no Atheneu. Tivemos também Luiz Maranhão como professor naquela época. Figuras importantes, fundadores desta Universidade. Eram professores do nosso curso naquela época e... em 57, como eu disse, fui para São Paulo. Emigrei para São Paulo para terminar o curso científico lá, estudei lá no colégio Roosevelt no colégio estadual, terminei fiz o terceiro científico e... Lá comecei a tentar, fiz vestibular em São Paulo, não consegui passar, naquela época São Paulo tinha cinco escolas de engenharia em todo estado: a Poli, a Mackenzie, a FEI, a São Carlos e o ITA eram essas cinco é... Naturalmente eu trabalhava, tinha que trabalhar, meu primeiro emprego foi em São Paulo, como Office boy numa empresa de engenharia, nessa empresa que eu comecei a ter um incentivo maior também para fazer o curso. Era uma empresa de três engenheiros e um deles era professor da politécnica, que hoje é vivo, ainda Aroldo Jazer, um grande sanitarista. Ele me incentivou muito a fazer, tinha outro também, que foi posteriormente professor num curso de pós-graduação muito anos depois. Era dessa empresa, pronto, aí eu vim para Natal fazer o curso vestibular, é... Mas, antes sim vim fazer o vestibular vim para a casa do estudante, morar na casa do estudante, eu já tinha sido na casa na época que em

Natal fazia o cursinho científico. Eu já morava na Casa do Estudante, morei na velha casa do estudante na Rua Seridó, pertinho do Atheneu, depois fomos para o antigo quartel na Cidade Alta, no antigo Quartel, na salgadeira, e ainda é hoje...

**Josemá Azevedo:** Caindo aos pedaços. E foi uma época importante na minha vida estudantil aquela, porque foi na Casa do Estudante que eu comecei minha iniciação política foi na casa do estudante a casa naquela época era dirigida pelos próprios estudantes eu fui diretor da Casa, fui tesoureiro, e fui diretor cultural da Casa. Da Casa do Estudante. Posteriormente, quando fui para São Paulo quando voltei para Natal, voltei para casa, pra Casa do Estudante e... Fiquei no primeiro ano da Escola de Engenharia morando na casa e a Escola de Engenharia começou a funcionar, o primeiro prédio foi na Junqueira Alves, na Praça das Mães, exatamente atrás de onde é hoje a OAB, aquele prédio antigo. E logo nesse começo foi no meu curso, primeiro ano na escola a gente passou a ter uma participação grande logo no início eu tive participação já na política estudantil, já me entrosando. É tanto que no primeiro ano, em 1961, eu já fui no congresso da UNE na representação do Rio Grande do Norte. Foi quando Paulo falou exatamente no congresso de Niterói e eu fiz parte da delegação do Rio Grande do Norte. Em 1961 já participava do movimento do diretório acadêmico da Escola de Engenharia, uma coisa importante que eu acho que acabaram com isso aqui na UFRN, mas existe o centro.

**Carlos Gomes:** Como era o nome?

**Josemá Azevedo:** Era isso que eu ia exatamente falar, o diretório da Escola de Engenharia chamava-se Ferro Cardoso, foi um dos primeiros engenheiros, um dos primeiros arquitetos do Rio Grande do Norte, responsável pelo projeto da cúpula da Candelária, da Igreja da Candelária no Rio de Janeiro. Uma homenagem que os estudantes de engenharia prestaram foi exatamente dar o nome de Centro Acadêmico de Ferro Cardoso...

**Carlos Gomes:** [Inaudível].

**Josemá Azevedo:** Que foi criado pela minha turma um curso de cursinho, né? De pré-vestibular.

**Almir Bueno:** Só um detalhezinho, o Ferro Cardoso foi um dos grandes líderes republicanos. Além de engenheiro era um líder republicano bastante influente na época.

**Josemá Azevedo:** Exatamente. É uma coisa importante eu lembro, não tenho mais isso escrito, tem uma ata de urna de Câmara Cascudo exatamente sobre Ferro Cardoso. Era um dos artigos que Câmara Cascudo escrevia. Bom, então na Escola de Engenharia no começo do curso eu tive logo minha iniciação, meu batismo político estudantil, a política universitária, eu comecei a participar logo no primeiro mês. É tanto que logo no começo desse primeiro semestre eu já fazia parte da delegação do Rio Grande de Norte para o congresso da UNE e... a partir daí, em 1962, eu também participei do congresso da UNE de Pitanguinha, o famoso congresso dos 25 anos da UNE, e comecei a participar dos congressos dos estudantes de engenharia. O congresso de estudante de engenharia, eu lembro que eu participei, foi em 1962. Foi em Salvador e nesse congresso teve uma coisa muito importante, então para a gente ir nesse congresso naquela época, a gente pra disputar pelo menos na Escola de Engenharia, acho que nas outras escolas era assim também, a gente tinha que apresentar um trabalho para justificar a ida e eu apresentei um trabalho no congresso de estudantes de engenharia de Salvador que era... não lembro o título, mas eu resgatei isso agora nessas minhas pesquisas de material para escrever sobre algumas coisas sobre a minha vida e eu achei dois trabalhos que eu apresentei em congresso de estudante de engenharia um de Salvador e outro de 63, que foi em Fortaleza, mas o de Salvador foi muito importante. Tem uma coisa que diz respeito aqui à Universidade e eu defendia que, como era congresso de estudante de engenharia, eu defendia que para os cursos de engenharia deveria ser criada uma cadeira, uma disciplina, tipo seminário, na qual se desse uma visão geral do profissional de engenharia, uma visão do país. E nesse trabalho que eu tenho e que encontrei eu sugeri inclusive uma espécie de roteiro do seminário e uma coisa importante é que essa disciplina de seminário foi criada na Escola de Engenharia aqui do Rio Grande do Norte e o que a gente sugeria era que essa disciplina não tivesse um professor, pela ampla visão que ela deveria ter, ela devia ter um coordenador, uma coisa assim, que convidassem pessoas para o seminário e foi designado na Escola de Engenharia o professor Nilton Medeiros para ser esse coordenador. Então, bom eu achei muita graça nesse trabalho por que a fundamentação toda do trabalho, uma fundamentação marxista da justificativa [risos], porque a ideia era exatamente que o estudante tivesse uma visão crítica do país. Bom, isso foi criado e é muito interessante e eu estou relatando isso. Ela funcionou, eu acho, começou a funcionar em 64 ou em 63. Não, foi em 63 e existia quando foi deflagrado o golpe militar. Imediatamente veio uma ordem não sei de quem, eu acho que veio da reitoria qualquer coisa assim de que fosse

extinta essa disciplina. Isso foi uma designação da Universidade, uma determinação para que fosse extinta imediatamente essa disciplina, foi extinta da Escola de Engenharia. Bom, por aí vocês começam a ver meu envolvimento na militância da política estudantil na Universidade. Aí eu fui também, eu acho que em 1963 [inaudível], eu fui eleito o presidente do diretório acadêmico de engenharia, que era um ano e nesse ínterim não diz respeito diretamente, mas indiretamente diz à Universidade, eu participei juntamente com vários universitários na época. Vários, muitos deles do trabalho na administração do prefeito Djalma Maranhão. Então houve uma convocação daquela época do prefeito para vários universitários participarem do movimento cultural da prefeitura e vários deles, muitos deles participaram; Djanane, Francisco Gileno, Geniberto, Paiva Campos, Zé Marchado já falecido, e muitos que no momento estão aqui.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu participei no trabalho de pesquisas [inaudível].

**Josemá Azevedo:** Então, nessa época eu passei a integrar, também como estudante ainda, da administração de Djalma Maranhão e... pela minha militância política na Universidade e aí já chegando no trabalho da campanha “De pé no chão”, foi um dos grandes esteios responsáveis pela minha prisão no golpe de 64, e pela... é muito gozado. eu não posso deixar de dizer isso e repetir. Quando eu olho para esse calhamaço de coisa, e isso é muito importante para as novas gerações, quando a gente começa a ler aquilo, as coisas pelas quais a gente foi acusado, muitos acusados e condenados hoje a gente ri e eu tenho certeza que as novas gerações e os estudantes de direito pensam: “mas como é que possível, é uma sandice” [inaudível] Então, a gente ser preso e acusado porque dizia que trabalhava numa campanha de alfabetização de adultos, isso foi crime nesse país.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** [inaudível].

**Josemá Azevedo:** Bom, então voltando, eu estou tentando seguir mais ou menos uma cronologia nessa época...

**Carlos Gomes:** [Inaudível] Esteve na campanha “De pé no chão”.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Você exercia uma função, Geniberto, era diretor do colégio e você era o superintendente.

**Josemá Azevedo:** Não, eu fui designado na campanha “De pé no chão” para um trabalho novo da campanha, que seria a introdução do método Paulo Freire na campanha “De pé no chão”. Então eu fui o responsável por essa área e além de coordenar esse método de Paulo Freire na campanha “De pé no chão”. Eu também era como Marcos Guerra, foi lá em Angicos, Marcos era o coordenador, mas eu era também o responsável por um círculo de cultura que nós chamávamos de “círculo de alfabetização”. Eu era também responsável pelo círculo de cultura, que era em Nova Descoberta, mas foi uma experiência fantástica a gente como estudante trabalhando com essa população adulta na fase de alfabetização e foi uma experiência riquíssima de troca de experiência, né... a gente naturalmente ensinava mas aprendia muito, foi uma fase muito enriquecedora. Então eu na campanha desempenhava isso e paralelamente houve um interesse muito grande naquela época pelo trabalho de educação que se desenvolvia em Natal e começou a haver interesses dos prefeitos do interior e que fosse levada essa experiência de Natal para os municípios e aqui então a prefeitura já tinha estruturado um centro de formação de professores, posteriormente esse centro transformou-se num colégio municipal e eu fiquei também como responsável de fazer a ligação da prefeitura de Natal com os prefeitos, [inaudível] de fazer os convênios com as prefeituras etc. Para que fosse oferecida a essas pessoas assistência técnica, bolsas de estudos para os professores para fazer cursinho sempre em formação e etc. Mas isso foi um trabalho paralelo que eu tive quando eu era estudante de engenharia. Em 1964 [inaudível] eu tinha uma militância no grupo da Ação Popular, eu também fazia parte de grupo da Ação Popular, que era um grupo socialista que sonhava em se tornar um partido socialista e congregava elementos de várias facções da sociedade, mas uma das partes importantes de Ação Popular chamada AP era da área estudantil, principalmente da área universitária, era muito importante.

**Carlos Gomes:** [Inaudível].

**Josemá Azevedo:** E da Igreja, então nessa luta da área estudantil, participação efetiva do movimento de um terço dos universitários nos conselhos da Universidade, que eu acho na Universidade do Rio Grande do Norte chegou a ser concedido.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Na época não, acho que só muito depois...

**Josemá Azevedo:** Só depois, né? Bom e... em 1964 como eu fazia parte da AP e no final de março de 64 tem um episódio muito interessante, esse episódio, pelo menos no que me diz respeito, passou despercebido das forças de repressão. É que houve um congresso da Ação Popular em Belo Horizonte da área universitária exatamente para analisar a participação de um terço e como estava o movimento em todo o país, isso foi em Belo Horizonte e o coordenador desse encontro era Betinho, era um dos dirigentes da Ação Popular e nós estávamos nessa reunião em Belo Horizonte, que eu não lembro quantos dias foram. Eu acho que foi uns dois dias em Belo Horizonte e essa reunião terminou no dia 31 de março de 1964 e todos nós nos dirigíamos ou quase todos nos dirigíamos para o aeroporto no destino que íamos tomar. Eu lembro muito bem por uma coincidência quem participou dessa reunião também foi Aldo Arantes e a coincidência era que eu estava com uma passagem de avião com o nome... naquela época não se exigia tantos documentos para embarcar, mas eu tinha uma passagem em nome de José Serra e Aldo Arantes estava com outra passagem em nome de José Serra também [inaudível] Bom, mas nós não sabíamos, foi no dia 31, então eu saí no dia 31 de março de Belo Horizonte e amanheci em São Paulo no dia 1º. A gente não sabia, inclusive não tínhamos informações maiores na própria reunião nossa do movimento, que estava na eminência da tropa sair na rua mas viajamos. Eu fui para São Paulo, Aldo foi para Goiânia, embarcamos com o mesmo nome, mas em aviões diferentes, e lá em São Paulo foi uma coisa muito interessante, quando eu cheguei em São Paulo, fiquei na casa de um tio meu que tinha a mesma idade minha, que a essa altura em São Paulo eu já tinha morado com ele num república e ele morava também num apartamento que tinha vários colegas na Avenida São João, lembro demais... e eu fiquei preso em São Paulo preso porque eu não podia sair porque os aeroportos foram fechados e eu querendo voltar para Natal e não podia, mas aconteceu uma coisa interessante, que coincidentemente morava nesse apartamento um rapaz que eu não lembro o nome, ele era piloto civil, ele disse: “Josemá eu tenho que fazer uma viagem e é até o Rio de Janeiro para ir buscar uma pessoa. Se você quiser...”. Porque eu queria passar pelo Rio ou eu acho que tinha que passar pelo Rio também, tinha que fazer escala etc. e tal a passagem era simples, aí eu disse: “eu vou”. Era um avião pequeno, isso devia ser no dia 3 de abril e ele ia buscar uma pessoa e saímos do campo de Marte e no meio do caminho eu perguntei: “quem é essa pessoa que você vai buscar?”. Aí ele disse: “é o diretor geral do DNR” [risos], que era exatamente... ele ia buscar, ele era piloto de uma empresa e ia buscar o diretor que já estava saindo do Rio de Janeiro já talvez perseguido mas eu não consegui chegar ao Rio



com ele porque no meio do caminho o tempo estava muito ruim e era um avião pequeno, desse teco-teco, ele teve que voltar, mas no dia seguinte os aeroportos se abriram e eu consegui embarcar, embarquei para o Rio de Janeiro e a primeira coisa que eu fiz no Rio, nessa altura a gente já sabia do golpe da repressão toda que estava havendo no país, já se tinha notícia, eu fui ao Aterro do Flamengo ver, ir à UNE, e quando cheguei no Aterro do Flamengo, na UNE, ela estava incendiada, o prédio da UNE estava incendiado, eu chorei... de frente à UNE. Bom, aí vim embora, vi isso lá no Rio, a UNE incendiada, e vim embora para Natal, eu disse: “eu não sei o que vai haver em Natal”. Eu embarquei e quando eu cheguei aqui em Natal o avião pousou na base aérea e começou a demorar e eu olhei pela janela e vi que o avião estava cercado pelo Exército e na minha ingenuidade eu achando que eu era importante eu pensei: “será que esse pessoal está para me prender?!” [risos], mas, nesse avião, eu lembro muito, vinham alguns deputados federais. Eu lembro um deles, que era Teodorico Bezerra, Teodorico era uma pessoa conhecida, Deputado Teodorico estava no avião e lá para as tantas ninguém desceu, e lá para as tantas eu vi pela janela do avião que estavam revirando uma mala lá na pista, os soldados estavam revirando uma mala, e depois já passado algum tempo uma pessoa, um senhor, foi escoltado junto com eles, eu não conhecia, depois eu vim saber que era o suplente de deputado que estava à época em exercício, Cesário Clementino, um líder ferroviário de Mossoró, era Cesário Clementino que o Exército estava procurando [risos], não era Josemá não que estava se achando. Então Cesário Clementino, que posteriormente eu vim a conhecê-lo no RO, ele estava preso no RO, deve ter sido companheiro de Paulinho Oliveira lá e eu conheci, e encontrei com ele lá. Bom, eu então voltei quando cheguei a Natal, vários líderes já estavam presos, Djalma Maranhão, Moacyr de Góes e tantos outros, mas eu não fui molestado, por enquanto, só fiquei e aí nessa época eu era também professor no colégio municipal, de física, eu voltei a dar aula no colégio e eu não lembro... eu já procurei lembrar disso, eu não lembro se fui exonerado do colégio depois, bom mas voltei a... eu fazia o quinto ano de engenharia, o último ano de engenharia, eu voltei para Escola de Engenharia normalmente, enquanto isso começaram vários colegas a serem presos de outras unidade da Universidade e eu fiquei, na realidade, eu só fui preso em junho, e foi a minha sorte, porque em julho era mês de férias.

**Carlos Gomes:** Junho de 64?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Julho?

**Josemá Azevedo:** Junho de 64. Junho. Se eu não me engano, foi 16 de junho.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** [inaudível]

**Josemá Azevedo:** Eu tinha chegado na Escola de Engenharia mais ou menos 11h da manhã, a gente estava na campanha de angariar fundos para formatura, para a turma da formatura, e quando lá estavam à minha espera dois agentes, naquele tempo chamava agente do serviço secreto.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** À paisana?

**Josemá Azevedo:** À paisana, um era uma figura bastante conhecida, era aquele cara do Detran, que expedia as carteiras de motoristas, Paulo?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu sei quem é, mas...

**Josemá Azevedo:** Não! Tem que lembrar para dizer. E o outro o maior cagueta da Faculdade de Medicina que você deve lembrar, ele era...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Ivan.

**Josemá Azevedo:** Ivan.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Ivan Benigno. Para quem estava aqui no depoimento do professor Zacheu eu perguntei se havia informantes e ele disse que não havia informantes, eu disse que na área médica nós sabíamos que era um falatório que ele mesmo se dizia informante da ASI, e Zacheu não conhecia...

**Josemá Azevedo:** Então, Pedro Vilella Side era um funcionário do Detran, um alto funcionário do Detran, ele era do serviço secreto e esse camarada, o maior cagueta de Medicina, que era um funcionário administrativo de Medicina, esse Ivan Benigno. Foram os dois que estiveram na Escola de Engenharia, eu não fui preso por militar, fui preso... foram eles que me disseram que eu estava sendo convidado a ir dar um depoimento.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Mas os acompanhando, não?

**Josemá Azevedo:** Acompanhados, é, eu os acompanhei e fui encaminhado para o quartel da polícia, então eu fui preso inicialmente no quartel da polícia militar e fui encaminhado. Uma coisa interessante, porque as pessoas novas não sabem, mas naquela

época existia um bandido aqui em Natal muito famoso chamava Baracho, esse Baracho era um bandido que tinha uma capacidade imensa de fugir das prisões dele e construíram uma sela especial no quartel da polícia para Baracho. Era uma sala toda de concreto, mas ou menos, essa sela devia ter um e meio por dois por aí, e... o batismo de fogo das pessoas que eram presas e iam para o quartel da polícia militar era passar pela sela de Baracho. Então eu fui convidado a dar um depoimento e cheguei lá e me mandaram para a sela imediatamente. E fui preso na sela de Baracho, essa sela tinha uma grade na frente e na parte esquerda tinha um xadrez maior que tinha vários companheiros nossos, e naquela época eu tinha um problema de saúde [inaudível] eu tinha uma úlcera e eles ficaram muito preocupados porque eu estava preso ali e tinha esse problema de saúde, tinha essa úlcera. Mas fiquei uns quatro dias nessa sela e depois eu fui encaminhado para outro local, para esse xadrez comum e posteriormente nós fomos para outra secção especial para os subversivos da época, que era um xadrez especial, era um berçário que estava em construção no hospital da polícia estava pronto, mas não estava instalado, então transformaram em prisão, em depósito dos subversivos...

**Paulo Frassinetti de Oliveira:** Passei três meses nesse berçário.

**Carlos Gomes:** Houve um depoimento aqui, eu não me recordo de quem foi, um pedido veemente do Dr. Onofre que foi visitar os presos e ficou horrorizado. Exigiu dessa dignidade aí, desse xadrez que você... sabe alguma coisa disso?

**Josemá Azevedo:** Não, não sei disso. Agora, bom aí eu fui para esse xadrez e posteriormente fui ouvido. Foi um dos poucos depoimentos que eu dei que foram repetidos em outros inquéritos, fui ouvido pela famosa comissão Veras, instituída pelo governador Aluizio Alves, que foi exatamente agora pela Comissão dos Direitos Humanos. Há pouco tempo publicou esse famoso Relatório Veras que, diga-se de passagem, que o governador Aluizio Alves, o ato institucional facultava isso, mas ele parece que foi o único governador que instituiu essa comissão estadual, no afã de agradar os poderosos da época, que depois foi desagradado por eles...

**Paulo Frassinetti de Oliveira:** Não por subversão [risos].

**Josemá Azevedo:** Não por subversão. Bom, aí depois nessa época eu fui ouvido no quartel da polícia pelo Veras e do quartel da polícia eu fui transferido para o 16 RI. Esse

dia foi muito interessante, Paulinho, eu acho que foi no dia que você foi transferido também, naquela troca de presos que havia, exatamente que foi no dia que foi Djalma, eu encontrei com vocês na escada, eles trocaram, traziam uma viatura. A gente voltou na mesma viatura para o 16 RI, então no 16 eu dizia sempre que tinha um dia preso, mas não foi. Eu comecei a ver nesses papéis me parecem que foram 132 dias, agora teve uma coisa muito importante em relação à Universidade que eu descobri agora nesses papéis que eu requeri ao Arquivo Nacional. Eu descobri uma coisa que eu não sabia, que eu nunca nem tive essa pretensão, inclusive, eu trouxe aqui uma informação, isso tudo aqui é informação do SNI, então, um ofício a sua excelência, o Senador Jarbas Gonçalves Passarinho, ministro da Educação e Cultura [inaudível] Então, essa informação é o seguinte: é um veto do SNI a minha indicação para diretor da Escola de Engenharia, eu nunca soube que tinha sido cogitado isso, então, quando na época, o que é que eles faziam, as pessoas que estavam sendo cogitadas para ser diretor, talvez para integrar uma lista tríplice, tinha que ser indicada ao reitor, ao conselho universitário etc. Fazia-se a consulta aos órgãos de segurança, os órgãos de segurança davam o OK ou não então nesse aí diz aqui: “Josemá foi agitador no tempo estudantil, exerce atualmente as funções de auxiliar de ensino na faculdade de engenharia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte”. Eu fui professor...

**Almir Bueno:** Qual é o ano?

**Josemá Azevedo:** Esse aqui é de 1971, a informação. Então diz aqui: “exerce atualmente as funções de auxiliar de ensino na faculdade de engenharia do Rio Grande do Norte”, que eu era “professor da escola contratado segundo a consolidação de lei de trabalho embora não registre antecedentes após 1964 este fato não significa que o mesmo tenha se regenerado [risos] é provável que faça vigilância estabelecida e com o objetivo de não despertar suspeita, o nominado tenha se retraído”. Bem, “o pedido de busca de número tal, isso foi o pedido de busca que foi solicitado, de 19 de janeiro, solicitou a AC” – eu não sei o que é! “O LDB do nominado – não sei o que é isso – por estar sendo nominado para o cargo de diretor da faculdade de engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em face dos dados do estudante do GT tal, foi dado pelo seu chefe Francinildo o despacho de não liberado”.

**Almir Bueno:** Só uma informação que surgiu agora aqui, por isso que eu perguntei a data. 71 coincide aí precisa ver o mês, a data, que o professor Zacheu iniciou.

**Josemá Azevedo:** É janeiro.

**Almir Bueno:** É, pronto. Como representante o chefe da ASI aqui na Universidade. Ele foi de 1971 até 1975.

**Josemá Azevedo:** Você está tendo a honra de sentar na cadeira que ele estava sentado.

**Carlos Gomes:** Agora me diga uma coisa, só pra um detalhe: você ingressou na Universidade em qual ano?

**Carlos Gomes:** [Inaudível].

**Josemá Azevedo:** É, tem uma coisa interessante. Foi como eu disse, eu comecei a trabalhar, meu primeiro emprego foi numa empresa de engenharia e coincidentemente foi numa empresa que trabalhava num projeto de saneamento. O nome dessa empresa chamava-se Saneamento S/A, em São Paulo. Eu entrei como *office boy* nessa empresa, mas saí como desenhista de projeto e como eu gostava muito trabalhei e aprendi muito nessa empresa, na parte de engenharia sanitária, quando eu vim fazer o curso de engenharia. Eu fui monitor antes de física, mas fui posteriormente da cadeira de saneamento porque aí também na época de estudante fui estagiário de DNOCS aqui em Natal e mesmo como estudante eu já trabalhava nessa época, trabalhava muito nessa área de saneamento, de abastecimento de água e esgoto e no DNOCS aqui eu fui trabalhar exatamente nessa época eu respondia aqui no DNOCS, por esse setor, o diretor do DNOCS aqui na época era Dr. Ubiratan.

**Carlos Gomes:** Galvão?

**Josemá Azevedo:** Galvão! Pereira Galvão posteriormente foi prefeito de Natal, e nessa época que eu era estudante eu trabalhava também lá e fui... até vou fazer aqui uma referência, um seu parente, professor, e fui juntamente com... nessa época, que trabalhava também no DNOCS era Moacir Gomes, irmão aqui do presidente, e na época, com os estudantes, eu fui responsável por um projeto de abastecimento de água da cidade de Currais Novos, que Ubiratan era diretor do DNOCS e Ubiratan é filho de Currais Novos e ele disse: “eu que fazer o abastecimento de água de Currais Novos”, e fizemos! E eu trabalhei e o responsável pelo projeto de arquitetura do reservatório de Currais Novos foi o arquiteto Moacir Gomes da Costa, que à época, não é nenhuma novidade, não fui eu que criei isso, mas foi que eu que sugeri a Moacir. A parte técnica

do reservatório exigia uma parte horizontal muito grande e a vertical não era tanto, “Moacir a gente pode fazer uma coisa que existe em Olinda, que é transformar esse reservatório num edifício”. É uma coisa interessante, o maior edifício de Currais Novos a gente não vê, é o reservatório de água de três cilindros e nós aproveitamos a parte que seria as pernas do reservatório para fazer os andares. Está lá, foi ocupado por várias repartições e foi uma solução arquitetônica muito interessante que Moacir deu, nessa época eu trabalhava, eu fui estudante no DNOCS. Então, voltando, eu era monitor da cadeira de saneamento na Escola de Engenharia e em função disso o professor Aurino Borges, que é o professor titular, me incentivou muito: “Josemá, você tem que fazer um curso de pós-graduação de engenharia sanitária”, que era o primeiro curso que existia no Brasil, aliás, foi o primeiro curso de engenharia sanitária que existiu fora dos Estados Unidos, foi o da Universidade de São Paulo que ele tinha feito. O professor Auri tinha feito esse curso pela antiga fundação CESP, ele foi funcionário da fundação CESP, eu fui fazer o curso, e como a Universidade era muito nova e tinha carência de formação de professor e eu fui já com a garantia, quase garantia de voltar depois da pós-graduação e ser professor da escola, realmente eu falei alguns detalhes aqui relacionados à Universidade que não são muito agradáveis porque eu sei que é função da minha militância política na Universidade. Me foi negada uma passagem para eu ir para São Paulo para eu fazer esse curso, a Universidade negou a passagem, ou seja, seu dirigente maior negou pessoalmente a mim e eu disse: “bom, mas isso eu já tinha conseguido uma bolsa da Capes que eu tinha me candidatado e tinha”. O dirigente maior era Dr. Onofre, eu tinha conseguido a bolsa da Capes, vendi o único bem que eu tinha, que era uma lambreta, consegui a passagem e me mantive em São Paulo numa pensão por dois meses até receber a primeira, porque a bolsa chegava com atraso a receber a primeira bolsa da Capes. E fiz o curso de engenharia sanitária em São Paulo e voltei para ser o primeiro aqui, voltei logo para dar aula para ser auxiliar de ensino do professor Aurino Borges.

**Carlos Gomes:** Você lembra o ano?

**Josemá Azevedo:** 1967. Passei um ano inteirinho dando aula e sem receber, não me pagaram. Não me contrataram. A Universidade não me contratou não sei por quais as razões, se eram dificuldades econômicas ou dificuldades políticas, mas o certo é que não recebi. Fui preterido nos meus proventos, pseudoproventos, que eu deveria ter. Bom, no ano seguinte, em 1968, eu fui contratado, ensinei um ano de graça, mas tudo

bem, arranjei outras coisas para fazer na época. Tive um convite do próprio professor Aurino para ir trabalhar como engenheiro na Fundação CESP, mas era em Belém do Pará e eu disse: “não, não vou não! Eu prefiro ficar aqui”. Tinha outros trabalhos, na época eu trabalhava com outros companheiros aqui, inclusive com Moacir, com professor João Mauricio e professor Daniel, que foram professores aqui da Universidade, eles tinham uma empresa.

**Carlos Gomes:** NARC!

**Josemá Azevedo:** E essa empresa tinha muito trabalho e na época eles tinham um trabalho que estavam desenvolvendo em Parnamirim que era exatamente aquele, é... Aquele bairro que tem logo na saída de Parnamirim, à direita?... A Cohabinal e a empresa estavam desenvolvendo esse projeto e eu fiquei engajado para desenvolver a parte de saneamento, projeto de água e esgoto na Cohabinal. O projeto de água foi executado, o de esgoto nunca foi executado. Bom, e aí eu fiquei como professor da Universidade até em 1970 aí eu já... à época que eu estava aqui na Universidade como professor e fui... E nesse ínterim eu desenvolvia também outros trabalhos paralelamente. Como eu não atuava em tempo integral na Universidade, eu tive um convite através do meu primeiro patrão em São Paulo, que foi aquele que eu citei: Sanitarista Aroldo Jazer, que nessa época eu trabalhava numa empresa em São Paulo e me indicou. Sabia que eu estava aqui e me indicou a empresa que ganhou uma licitação aqui para Natal e me indicou para ser engenheiro dessa empresa, e o presidente dessa empresa passou aqui, tivemos a entrevista. Eu era paralelamente à Universidade e fui contratado como engenheiro dessa empresa. Era a construtora Guarantan de São Paulo e aí eu tive uma experiência profissional muito importante porque ela tinha ganhado aqui uma obra que era a construção do INPS. Naquela época não era INPS, era um prédio do IPAS, se não me engano, e logo depois foi fundido.

[Inaudível].

**Josemá Azevedo:** Foi, né? Foi muito importante profissionalmente para mim porque eu era um jovem engenheiro e eu fui contratado por essa empresa para construir o maior prédio de Natal, aquele prédio que hoje é a Secretaria de Saúde de frente, ali na Deodoro, em frente à Catedral. Um prédio de quinze andares. Na época era o maior prédio e foi meu primeiro registro profissional como engenheiro, responsável técnico perante o CREA e foi daquele prédio, que era o maior prédio da cidade, então

profissionalmente, para mim, foi muito bom aí paralelamente, sim, aí isso permitiu que eu me casasse com a minha mulher, que está aqui. E na mesma época eu continuava com a Universidade e tivemos essa empresa, que ganhou mais umas obras aqui, que foi o Hospital Walfredo Gurgel e o Banco do Estado de São Paulo e eu fui responsável ao mesmo tempo por essas três obras. Então, profissionalmente, para mim foi muito bom que na época eu tinha cerca de 700 empregados, trabalhadores, sob meu comando, foi uma época muito importante para mim, então foi aí, terminadas essas obras, nessa época em 1971, eu fui convidado pelo então prefeito Ubiratan Galvão para ser secretário de serviços urbanos dele, e aceitei, mas antes disso, eu acho que é importante do ponto de vista político, é... Na época, era governador do estado Cortês Pereira e Cortês Pereira, acho que por indicação de Ubiratan, que era primo dele antes de assumir, Cortês me chamou para conversar e depois eu soube que ele queria que eu fosse presidente da CAERN na época e perguntou o que eu achava de saneamento do estado etc. eu disse, perguntou o que eu queria fazer aí eu disse, mas aí eu soube posteriormente que houve por parte de outro primo dos dois uma indicação de veto político e era um Major.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Rodolfo era?

**Josemá Azevedo:** Não, o irmão de Rodolfo...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Rubens...

**Josemá Azevedo:** Rubens...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Rubão.

**Josemá Azevedo:** Rubens Pereira, que era uma excelência intelectualmente [risos] entre aspas, mas...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Foi secretário de segurança, eu vou me permitir aqui que é um dos fatos mais cômicos da história do Rio Grande do Norte. Como chefe de polícia, foi visitar a penitenciária, ali na João Chaves, né... Na Redinha. E foi roubada a carteira dele de dinheiro dentro da penitenciária. Do chefe de polícia [risos].

**Josemá Azevedo:** Bom, mas esse era major do Exército do 16 RI e eu soube que houve uma indicação dele ao governador, que eu não devia ser contratado por que havia essas indicações e... Dessas coisas daqui do SNI, nessas informações, tudo consta coisas



semelhantes, mas o governador Cortês Pereira conversou comigo, ficou por isso mesmo. Naturalmente achou por bem não me convidar, mas o primo dele, que foi o indicado Ubiratan, me convidou para ir para prefeitura e eu fui como secretário de serviços urbanos, aliás, Ubiratan, aqui fica o registro, Ubiratan, que foi prefeito por muito pouco tempo, por um ano e pouco, mas foi um excelente prefeito tinha uma visão muito importante da cidade. Foi ele o iniciador de alguns, é... De alguns administradores, né... Porque fizeram parte dessa gestão dele, foi de um ano e pouco, vários outros que foram secretários posteriormente como... alguns até continuam hoje como Luiz Eduardo Carneiro que foi secretário, João Faustino que foi secretário dele. Bom, isso foi minha passagem como profissional... Nessa parte do... aqui já do estado posteriormente eu tive, mas essa seria no que diz respeito à Universidade, seria realmente a minha participação. Eu acho, não sei, provavelmente devo ter esquecido alguns detalhes e algumas passagens, não sei.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** É, presidente, embora nesse episódio ele nem tenha pleiteado e até nem sabia que tinha sido indicado, mas há uma documentação dizendo que ele foi preterido.

**Carlos Gomes:** É, tem. Está aqui.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Então eu acho que esse é um ponto da Comissão da Verdade.

**Carlos Gomes:** É... aí eu pergunto, chegou a ser processado, foi condenado?

**Josemá Azevedo:** Não. Eu fui, é... eu não fui condenado eu fui também excluído do inquérito...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Excluído do processo.

**Josemá Azevedo:** Excluído do processo da auditoria militar do Recife por dois *habeas corpus* do STM também, do Supremo Tribunal Militar, eu fui excluído e o primeiro *habeas corpus* foi, eu acho que foi, não tenho muita certeza, mas eu acho que foi dr. Otto Guerra que foi o advogado e o segundo a gente... alguns dos presos políticos e estudantes ou não, não, mais de estudante, nós constituímos uma advogado de Recife do escritório.

**Carlos Gomes:** Brito Alves?

**Josemá Azevedo:** Brito Alves! E... até Dr. Otto, que acho encaminhou. Eu fui solto juntamente com o colega que eu não sei se já esteve aqui, José Arruda Fialho...

**Carlos Gomes:** Esteve.

**Almir Bueno:** Esteve.

**Josemá Azevedo:** Nós fomos soltos juntos no 16 RI e numa apreensão muito grande, porque poucos dias antes tinha saído da prisão também o colega Hélio Vasconcelos. Ele tinha saído por um *habeas corpus*, chegou ao fim do quarteirão foi preso de novo.

**Carlos Gomes:** Por outro motivo, disseram que era por outro motivo.

**Josemá Azevedo:** Por outro motivo [risos]. E nós saímos, eu e José Arruda no comezinho da noite do 16 RI ali, vocês não imaginam como era há cinquenta anos, cinquenta né?! Cinquenta anos atrás. Quase cinquenta anos. Ali era meio escuro, não é? Não tinha tanta iluminação como hoje...

**Carlos Gomes:** Também não tinha tanto bandido.

**Josemá Azevedo:** Também não tinha tanto bandido. Aí nós dissemos: “Zé Arruda, o que é que a gente vai fazer?”. Vamos sair. Saímos com a malinha na mão cada um. Quando chegamos ali na Hermes da Fonseca vimos uma luz de frente acesa que era do aeroclube, tinha uma porta no aeroclube que estava aberta, tinha uma luz lá dentro. Então nós entramos e estava havendo ou ia começar uma reunião, eu não sei se do Lions Clube ou do *Hooters* e encontramos com duas figuras, uma figura excelente, que era nosso conhecido, era Dr. Alberto Campos, pai do nosso colega que estava preso também. Dr. Alberto que era professor da Universidade e nós dissemos: “Dr. Alberto fomos agora e o que é que fazemos?”. Eu sei que Dr. Alberto providenciou telefonar para alguma coisa e arranjar um táxi, eu sei que nós pegamos um táxi e fomos embora, né... E eu lembro demais disso daí por que nós encontramos com duas figuras que tinham características um pouco diferentes politicamente, era Dr. Alberto e Zé Gurgel Guará [risos].

**Carlos Gomes:** Era o Lions Clube... [Inaudível].

**Josemá Azevedo:** Era o Lions Clube. Então, bom, aí foi alguma das passagens que nós temos. Eu tenho uma documentação muito... eu trouxe isso aqui só para mostrar, só para

dar a ideia do volume de informação que tem. E tem muita coisa que fala em você também.

**Almir Bueno:** Ixe...

**Josemá Azevedo:** Ivis. É. E quando vocês falaram em Iaperí, tem aqui umas coisas de Iaperí também. A gente começa a ler hoje é... de a gente dar risada com as coisas que tem, de indicação...

**Almir Bueno:** Professor? Só posso...?

**Josemá Azevedo:** Só esse aqui, só o que acompanhou da Universidade, aquela indicação da Universidade é isso daqui, né... Aí tem uma das coisas que tem: “Nomeação de subversivos, suspeitos por penetração de elementos esquerdistas na administração pública”. Eu acho que é nesse daqui que Ivis está aí e Iaperí e Marcos Aurélio de Sá. Marcos Aurélio de Sá, que é o diretor do *Jornal de Hoje*. Tem uma coisa interessante que eu estava lendo aí: ele era diretor do jornal, Paulinho deve saber ele era diretor do *Jornal Mural* da Faculdade de Direito. E houve uma confusão muito grande, eu acho que foi na época “do Clai”, né?

**Paulo Frassinetti de Oliveira:** [Inaudível].

**Josemá Azevedo:** É que... O que ele chama aqui o Relatório do SNI chama do Democratas houve os democratas que eles chamavam eram da turma de direito e queriam publicar qualquer coisa no jornal e disse que Marcos Aurélio só privilegiava as coisa de esquerda e eu sei para resolver a situação é parece que Dr. Otto é suspendeu o jornal Mural para apaziguar as coisas (risos) e aparece o nome de Marcos Aurélio aqui e eu não sei nem se Marcos Aurélio sabe disso que tem esse negocio no SNI dele.

**Almir Bueno:** Professor só uma é... Aí o senhor seguiu a carreira acadêmica e se aposentou pela Universidade?

**Josemá Azevedo:** Não, não. Aí é o seguinte, eu fiz concurso na Universidade para professor assistente passei, né... Comecei como auxiliar de ensino, fui assistente, mas naquela época se pagava muito mal... Professor, e principalmente professor de tempo parcial, a gente não tinha e eu recebi um convite dessa empresa que eu tinha trabalhado aqui paralelamente à Universidade, essa empresa de São Paulo, eu recebi um convite para ficar nela, para voltar a essa empresa, porque eu tinha terminado, fiquei aqui, fiquei

na prefeitura e dando aula, mas aí eu tive um convite dessa empresa para ser gerente no Rio de Janeiro, eu fui ser gerente no Rio e depois eu passei a ser diretor dessa empresa para o Nordeste, para vir para Recife, eu trabalhei nessa empresa durante nove anos, na construtora Guarantan.

**Almir Bueno:** Aí o senhor se demitiu da Universidade?

**Josemá Azevedo:** Aí eu me demiti, eu pedi licença da Universidade e... 1974 qualquer coisa assim, saiu uma... Eu acho que foi em 1974 ou 75, saiu uma legislação que quem estava afastado da Universidade teria que voltar, seria obrigado a voltar sob pena de demissão né... E como o salário era muito baixo e essa altura eu estava numa situação financeira e profissional muito boa como diretor de uma empresa grande do Brasil aqui para o Nordeste eu preferi ficar na empresa, aí eu não fiquei na Universidade, saí da Universidade porque o salário do professor era muito baixo naquela época.

[Inaudível].

**Josemá Azevedo:** Continua né... Mas aí voltei como eu queria voltar para Natal, estava no Rio fui para Recife etc., não dei muito respeito aqui ao assunto, mas, aí eu voltei para Natal, que era uma aspiração que eu tinha e fui convidado a ir novamente, bom... antes de voltar para Natal eu tive um novo convite para ser presidente da CAERN, que foi pelo Dr. Tarcísio Maia, mas eu não... aí eu disse para ele que estava, que eu não podia, que nessa época eu estava no Rio, não podia assumir porque estava no Rio etc., e tinha uma situação muito boa no Rio de Janeiro, era realmente uma situação muito privilegiada, só para vocês terem uma ideia, eu era gerente nessa empresa no Rio e morava no Posto Seis em Copa Cabana num apartamento todo pago pela empresa e tudo era uma situação muito boa, né... então...

**Carlos Gomes:** Não perdeu nada em sair na Universidade.

**Josemá Azevedo:** É, aí não voltei, mas quando eu voltei para Natal, logo em seguida Recife para cá, aí foi nomeado governador Lamosier Maia. Lamosier me convidou para ser presidente da CAERN e a essa altura eu já estava aqui e eu assumi, aceitei. Aí fui presidente da CAERN no governo de Lamosier Maia e no primeiro governo de José Agripino fui presidente da CAERN. Durante oito anos foi uma época muito importante profissionalmente na minha vida também porque eu acho que a gente teve uma oportunidade de dar uma contribuição ao estado na época. Só para vocês terem uma

ideia, eu acho muito importante um registro desses: no governo de Lavosier Maia, a gente conseguiu colocar abastecimento de água para um milhão de pessoas no Rio Grande do Norte, então foi uma fase muito importante. Bom, aí depois já mais recentemente eu fui secretário de estado de recursos hídricos, e aposentei minha carreira como servidor público [risos].

**Carlos Gomes:** Professor, me diga só mais uma coisa, durante o período que o senhor foi professor na Universidade sofreu alguma perseguição, alguma restrição?

**Josemá Azevedo:** Não, se tivesse, eu acho que as restrições foram essas, como eu apresentei restrição assim, sub-reptícia.

**Carlos Gomes:** Não houve discriminação?

**Josemá Azevedo:** Não houve discriminação. Pelo contrário, então, sim, eu gostaria de fazer um registro aqui. O senhor me falou disso, da Escola de Engenharia da Universidade, que foi uma coisa muito importante. Quando eu fui preso, nessa época eu disse que tive sorte porque fui preso perto na época de férias e... Então, eu passei cento e tantos dias, mas passei trinta dias de férias e naquela época a gente, eu acho que hoje também você pode ser reprovado por falta... Eu estava reprovado por falta, parece que por seis faltas, seis dias, e eu acho que era uma demonstração de como eu era bem quisto na Escola de Engenharia, os professores dos quais eu tinha essas faltas, eles prorrogaram as aulas um deles foi Ubiratan, Ubiratan e Galvão outro que já faleceu foi Marcelo... professor Marcelo, que ensinava Concreto foram uns três ou quatro professores que prorrogaram o curso por mais uma semana para eu não perder o curso por falta, porque vários dos colegas, alguns dos colegas que foram presos como Laly Carneiro, eu acho que Geniberto também, não sei perderam ano por falta... então houve essa, uma coisa muito importante um reconhecimento dos professores da Escola de Engenharia, uma solidariedade para que eu não perdesse o ano.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Marcelo Cabral e...?

**Josemá Azevedo:** Marcelo Cabral e Ubiratan, principalmente esses dois era um negócio de aulas, quatro aulas de um, e seis dos outros, coisa assim. Esses professores foram solidários exatamente para que eu não perdesse o ano, isso foi importante. Eu acho é que depois disso é que... talvez por isso essa indicação, né... bom.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Josemá, me diga uma coisa, no pós-golpe algum professor da Escola foi preso? Eu sei que ninguém foi, mas...

**Carlos Gomes:** Juarez?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Juarez chegou a ser preso, Juarez? Não, eu acho que não, mas foi chamado a depor.

[Inaudível]

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Acho que só ele, né?

**Carlos Gomes:** Tinha um professor que o nome era Renan? Com um nome francês? Que era de Engenharia. Renan... Eu esqueci agora...

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** Alguma pergunta? Professor Josemá, então o senhor tem a palavra para as considerações finais.

**Josemá Azevedo:** Bom, eu agradeço o convite, espero ter dado alguma contribuição para a história que deve ser relatada pela Comissão da Verdade e continuo à disposição para qualquer outra informação, se houver necessidade de algum desses documentos que eu tenho do SNI, basicamente, ele diz respeito a mim e são muito repetitivos, tem algumas coisas que estão publicadas naquele livro, outros envolvem outras pessoas por que tem...

**Carlos Gomes:** Fiquei com aqueles dois que você me deu. Bom, se fosse possível eu gostaria de mandar tirar cópia de toda essa documentação.

**Josemá Azevedo:** Bom, eu posso, eu tenho essa documentação toda em meio digital já hoje.

**Carlos Gomes:** Então pode mandar?

**Josemá Azevedo:** Está certo...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Isso já me polpa de...

**Josemá Azevedo:** Agora fique com isso aqui...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Quando eu chegar aqui eu vou ver, o que é que tem.

**Carlos Gomes:** [Inaudível].

**Josemá Azevedo:** Hein? Ah, já, então eu mando tudo isso aqui eu tenho em meio digital...

**Carlos Gomes:** Então você anote aí o meu e-mail e o de Kadma, por favor, Kadma passe aí para ele, tenho muito interessante. Tenha certeza que hoje foi um dia muito produtivo, depoimentos interessantes, com certas informações que realmente não estavam assim no domínio público, inclusive é para mim muito importante sobre o seu depoimento, sobre Luiz Maranhão, também me é muito importante essa condescendência, não é nem condescendência. É essa solidariedade dos professores do curso de Engenharia, com os estudantes, numa época. Hoje é muito fácil, mas naquele tempo era terrível, e logo vi que eles estavam envolvidos, protegendo um esquerdista tal, então eu acho que isso era típico de quem conheceu Ubiratan, era típico de Ubiratan, era um homem bastante independente, ele tomava as decisões dele e não tinha conversa não...

**Josemá Azevedo:** Além disso, Ubiratan teve duas é... comigo ele teve dois episódios importantes, dois que eu relatei aqui, um deles foi este, quando eu era estudante, e o outro foi o episódio do governador, que de certa forma houve um veto meu na indicação...

**Carlos Gomes:** De Rubens.

**Josemá Azevedo:** De Rubens, e ele me convidou para prefeitura...

**Carlos Gomes:** Sinal que ele lhe conheceu e viu o seu caráter...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Ô Carlos, você se lembra que ele renunciou, pediu demissão ao governador, tio dele?

**Carlos Gomes:** Ele era um homem de atitude...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Com pouco tempo de administração.

**Carlos Gomes:** Então hoje foi um dia para mim muito bom, evitei o prosseguimento de qualquer problema de Alzheimer de tremor, por que eu escrevi pra danado.

[Pessoas falando]

**Patrícia Wanessa de Moraes:** [Inaudível]

**Carlos Gomes:** Aumenta a importância.

**Patrícia Wanessa de Moraes:** [Inaudível]

**Carlos Gomes:** Mas eu creio que nenhum professor foi punido. Isso acontecia também no curso de Direito, Dr. Otto era o vice-reitor e...

[Pessoas falando]

**Carlos Gomes:** Dr. Otto era um homem que sofria porque ele estava com um filho e sofreu muito, mas ele era um homem que, vamos dizer, ele... por exemplo, eu que nunca fui militante político, eu nunca fui nem de esquerda, eu digo abertamente é muito fácil para eu dizer não... Não, não era e... Mas eu fazia a greve também com os colegas naquelas reivindicações dos terços etc. e outros mais, e eu me recordo que a gente fazia greve, poucos faziam, uma meia dúzia mais ou menos, e depois a gente pleiteava que fosse permitido fazer prova e tal e sempre havia, Dr. Otto era o que coordenava isso, se havia alguma pressão da Universidade ele desprezava, então havia, havia.

[Pessoas falando]

**Carlos Gomes:** Não, não.

[Pessoas falando]

**Carlos Gomes:** É... Olhe, e mesmo os de direita conhecidos como Antônio Soares, na hora dos inquéritos ele fazia questão de ser testemunha, aí era sempre assim, “isso é um santo, esse menino nunca fez nada de mais”, então eram sempre os depoimentos favoráveis. Antônio Soares Filho...

**Josemá Azevedo:** Sim, teve uma coisa importante. Você diz do professor que eu esqueci de dizer aqui... no inquérito eu respondi, um inquérito da Universidade, né...

**Carlos Gomes:** Ah! Respondeu o inquérito da Universidade!



**Josemá Azevedo:** Foi, respondi o inquérito na Universidade. Aliás, eu respondi três inquéritos da Universidade, o primeiro inquérito eu acho que não deu em nada. Dr. Onofre mandou arquivar, disse que não tinha nada. O segundo, fizeram um segundo, não, Dr. Onofre não, era Genário já, Genário...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** O professor Onofre designou Genário para presidir esse inquérito...

**Josemá Azevedo:** É. E depois, como os dois inquéritos da Universidade não condenavam ninguém, não indicava condenação... Eu sei que fizeram um terceiro inquérito, que foi do Coronel Esteves Caldo lá do RO, que a gente apelidava de Boca Negra, que ele usava um cavanhaque, um bigode...

[Pessoas falando]

**Josemá Azevedo:** Mas aí respondi do Esteves Caldas, diz aqui, mas aí teve nesse inquérito da Universidade um professor que me incriminou, me denunciou... Quando a gente voltava de um congresso da UNE, coincidentemente eu acho que foi o congresso de Quitandinha. A gente vinha no dia 26 de julho, dia da Revolução Cubana, vinha a delegação do Rio Grande do Norte, vinha quase toda no avião eu, Geniberto, Ginane... tinha muita gente e lá para as tantas nós fizemos um brinde à Revolução. Naquele tempo, distribuía... a gente tinha cerveja, tinha não sei o que lá, tinha vinho no avião, a gente levantou um brinde à Revolução Cubana, então vinha no avião o professor Zé Cabral, que era de Odontologia. E então... mas o professor Zé Cabral, no inquérito, me denunciou. Disse que no avião eu dei – e está aqui nesses papéis – que eu dei um viva a Cuba, mas não foi só eu, foram todos os outros. Mas os outros ele não quis dizer e outro professor, Zé Cabral, parece que morreu e tinha o outro professor que nem me viu fazer isso, mas também me denunciou que era outro professor de Odontologia, Pípulo, Zé Pípulo...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Antonio Pípulo.

**Josemá Azevedo:** Antônio Pípulo, outro professor que graciosamente me denunciou, no inquérito da Universidade, disse que eu dei esse viva a Cuba, agora tem uma coisa importante. Você vê como eu me considero um... pelo menos eu procuro ser tolerante, pelo menos eu procuro, não sei se eu sou... posteriormente, muito anos depois, eu já como professor da Universidade, a filha do professor Cabral foi minha aluna de

Engenharia e era uma excelente aluna, terminou o curso, passou, eu soube que o professor Cabral um dia disse a alguém: “eu não sei como Josemá não perseguiu a minha filha”. Não fazia, o cara se julga, porque eu a filha não tem nada a ver.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Não, é só para lembrar a você que o professor Cabral é bicampeão aqui porque é a segunda vez que fazem menção.

**Carlos Gomes:** Segunda referência.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Segunda referência é reincidente.

**Carlos Gomes:** Muito bem, então nós vamos encerrar a reunião agradecendo, foi uma tarde realmente muito rica nesse depoimento, né... Valorosa e que realmente vai nos dar muita coisa a meditar, vai deixar muito exemplo. Então, eu quero agradecer a presença de Dr. Josemá e de Paulo e agradecer a todos vocês quem têm sido muito incentivadores da continuidade dos nossos trabalhos. Fica então apazada para terça-feira, se possível aqui, se não for possível lá no Reuni, terça, para ouvir Iaperi. Terça para ouvir Iaperi, se ele confirmar, e dr. Ivis Bezerra que também, apesar de ser da Comissão da Verdade, ele tem muito o que dizer. E eu declaro então encerrada.

**Almir Bueno:** Só lembrando que a gente, eu de Caicó, não vou poder participar por causa das aulas na terça-feira.

**Carlos Gomes:** Não, eu sei. Infelizmente a gente vai ter que agora apressar porque em julho a gente já tem que começar a esquecer. Eu acho que a gente já tem um indicativo bem interessante, não é? A gente sabe o que houve na Universidade, alguns atos deploráveis.

**Patrícia Wanessa de Moraes:** Professor, e sobre a documentação da ASI? Eu acho que é quase fundamental...

**Carlos Gomes:** Olhe, praticamente ninguém tem nenhum indício. Só restam duas esperanças, as últimas, uma é do Silvestre, irmão do Fransuar, que eu mandei e-mail para aquele e-mail que me foi fornecido, não me deu resposta. Já reiterei, não me veio resposta e então eu já estou requisitando o depoimento de Fransuar para ver se a gente colhe alguma coisa. E também não tivemos resposta lá da família de Maria Laly, que eu já estou pedindo a fita que nós não vamos... não dá tempo para esperar. A gente tem que concluir.

**Patrícia Wanessa de Moraes:** A primeira vez que nós tivemos lá no arquivo [inaudível] vocês estão na busca pela documentação da ASI, o que eu sei é que ela está na junta militar...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Não, não, não. Ô, presidente?

**Patrícia Wanessa de Moraes:** O quartel eu acho que é o 16 RI? Aí eu fiquei pensando...

**Carlos Gomes:** Junta, é. É possível. Eu vou oficiar a reitora para que ela veja a possibilidade de investigar isso, indagar isso.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Presidente, eu torço para que essa documentação não apareça nunca. Essa documentação está nas mãos de um gorila qualquer, guardada, esperando uma nova chance, que a possibilidade é remota. Eu acho, felizmente. Então ela só vai aparecer se houver outra ditadura militar no Brasil.

**Carlos Gomes:** Mas aí ele já deve ter morrido...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** É, mas passa para os gorilinhas.

[Risos]

**Carlos Gomes:** Bom, então eu agradeço a todos e declaro encerrada a reunião.